



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA
EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
INTERDISCIPLINARES

FABIENE ARAÚJO BATISTA

A Literatura de Cordel em sala de aula

Campina Grande - PB
2014

FABIENE ARAÚJO BATISTA

A Literatura de Cordel em sala de aula

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof^ª. Me. Cléa Gurjão Carneiro

Campina Grande, PB
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B333I Batista, Fabiene Araújo
A literatura de cordel em sala de aula [manuscrito] / Fabiene Araújo Batista. - 2013.
34 p.

Digitado.
Monografia (Especialização em Letras: Estudos Linguísticos e Literários) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2013.
"Orientação: Profa. Ma. Cléa Gurjão Carneiro, Departamento de Letras".

1. Literatura de Cordel 2. Leitura 3. Prática de Leitura 4. Prática Literária 5. Cultura Popular I. Título.
21. ed. CDD 398.5

FABIENE ARAÚJO BATISTA

A LITERATURA DE CORDEL EM SALA DE AULA

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria da Educação do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof^ª Ms. Cléa Gurjão Carneiro

Aprovada em 18/10/2014

Cléa Gurjão Carneiro

Prof^ª Ms. Cléa Gurjão Carneiro

Teresa Neuma de F. Campina

Prof^ª Ms. Teresa Neuma de Farias Campina

Amasile Coelho L. C. Sousa

Prof^ª Ms. Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa

DEDICATÓRIA

Àquela que foi subitamente tomada do convívio humano para descansar nos braços do Pai, minha Mãe, minha melhor e maior amiga, exímio exemplo de esposa, mãe e ser humano.

AGRADECIMENTOS

A todos que fizeram parte da construção e consumação deste trabalho. Meus mais sinceros agradecimentos...

... a Deus, Criador e Pai da humanidade, que me deu forças para superar os momentos mais difíceis da minha vida e tornou possível a conclusão desta especialização;

... a minha mãe Maria de Fátima Araújo Batista, que encontra-se na presença de Deus, por acreditar sempre em mim;

... aos meus irmãos Fabrícia, Andécio e Alex, fiéis amigos, presentes em todas as situações que a vida me apresentou;

... ao meu esposo Thiago Xavier de Ataíde, pelo companheirismo, paciência e incentivo para que realize os meus sonhos;

... aos meus familiares que tornam a minha vida mais importante e significativa;

... aos meus colegas da especialização que estiveram comigo presenciando inesquecíveis momentos;

... à professora, orientadora e amiga Cléa Gurjão Carneiro, pela presteza em sempre atender-me em todos os momentos que precisei, não só os acadêmicos, mas também os pessoais;

... às pessoas que estão à frente Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, que sempre me auxiliaram a tornar a conclusão deste curso possível.

Ler, pois, é uma viagem, uma entrada insólita em outra dimensão que, na maioria das vezes, enriquece a experiência: o leitor que, num primeiro tempo, deixa a realidade para o universo fictício, num segundo tempo volta ao real, nutrido da ficção. (JOUVE, 2002. p. 109).

RESUMO

O mundo globalizado tem deixado pouco espaço para o deleite proporcionado pela leitura de um livro, tendo em vista que, diante das exigências desse mundo, a praticidade e a rapidez são elementos privilegiados. Além do fator “falta de tempo”, presenciamos uma situação social que não permite a muitas pessoas adquirirem um livro em virtude do custo a que esta compra corresponde. É nesse último contexto que se encontram os alunos da 2ª série noturna, com a qual este projeto foi desenvolvido. Observando atentamente o cenário descrito, optamos por apresentar aos alunos, de maneira mais cuidadosa, a Literatura de Cordel, de modo que os discentes vivenciam a prática de leitura de cordéis e a consequente produção de um folheto; objetivo traçado por consideramos que a literatura de Cordel, por se tratar de uma manifestação da cultura popular, é um excelente recurso para a aprendizagem e aprimoramento dos encantos regionais, além de ser bastante acessível, sobretudo porque vivemos em uma região que muito cultiva esta produção literária.

Palavras-chave: Leitura. Literatura de Cordel. Cultura. Regional.

ABSTRACT

The globalized world has left little room for the delight afforded by reading a book, keeping in mind that, given the demands of this world, convenience and speed are prime elements. Besides the factor "lack of time", witnessed a social situation that does not allow many people to get a book because of the cost to purchase this match. It is in this latter context that are students of the 2nd night series, with which this project was developed. Closely watching the scenario described, we chose to present students, more carefully, the Cordel Literature, so that the students experienced the reading practice of twine and the consequent production of a booklet; objective set by considering that Cordel literature, because it is a manifestation of popular culture, is an excellent resource for learning and improvement of regional charms, besides being quite affordable, especially because we live in a region that cultivates this very production literary.

Keywords: Reading. Cordel literature. Culture. Regional.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1. A Leitura no dia a dia.....	12
2.2. Estudos sobre s Formação do Professor	15
2.3. A Literatura de Cordel.....	20
3. METODOLOGIA.....	22
3.1. O tipo de pesquisa	23
3.2. O campo de pesquisa	23
3.3. Os dados da pesquisa	23
4. ANÁLISE DOS DADOS	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

1. INTRODUÇÃO

A Literatura de Cordel é uma das manifestações artísticas da cultura popular que evidencia peculiaridades regionais de maneira poética, lúdica e prazerosa, aguçando assim a imaginação através do encantamento proporcionado pelas rimas e versos. No contexto da escola, o/a aluno (a), ao se envolver nesse universo real e imaginário do Cordel, desenvolve habilidades cognitivas ao compasso que realiza uma leitura de mundo capaz de estimular a escrita e leitura das palavras.

Neste sentido, na contextura deste saber literário e sua introdução na escola, é possível desenvolver capacidades e habilidades que podem ser notabilizadas a partir da oralidade, ao recitar o poema, no aprimoramento da produção escrita e também no trato com a memória narrativa, uma vez que o cordel prima pela narrativa versada que o texto poético possibilita. Além deste aspecto, é possível construir, através de leitura e análise dos textos poéticos de Cordel, uma identidade regional, elaborada a partir dos acontecimentos da vida e história do povo nordestino, contados poeticamente nas narrativas do Cordel.

Vista deste modo, optamos por desenvolver o trabalho com a Literatura de Cordel por ser uma expressiva manifestação da cultura popular nordestina, constituindo-se também num ambiente de aprendizagem, uma vez que consiste num importante recurso pedagógico a ser utilizado na sala de aula de maneira interdisciplinar. Além disso, acreditamos que os textos literários devem ser introduzidos na realidade educacional de crianças, jovens e adultos, pois se trata de uma forma prazerosa de ensinar os conteúdos dinamizando a aula. Diante disso, pretendemos estimular o prazer da leitura aprofundando conhecimentos sobre a Literatura de Cordel, o contexto de produção e a linguagem que lhe é peculiar, culminando na produção coletiva de um Cordel sobre a importância da preservação da Água.

Entendendo, ainda, que a musicalidade dos versos e rimas presentes na poesia de Cordel torna a discussão de temas atuais mais prazerosa, neste trabalho estudaremos

minuciosamente as particularidades do gênero literário Literatura de Cordel com vistas à produção coletiva de um Cordel sobre a temática da “Água”, a qual se justifica diante da situação de alerta em que nós vivemos devido a possibilidade de escassez desse recurso natural vital.

Quanto à estrutura, este trabalho é composto por três partes: a primeira refere-se à fundamentação teórica, na qual são abordados os conceitos que o embasam; a segunda compõe a metodologia, em que detalhamos as etapas do trabalho com Literatura de Cordel em sala de aula; a terceira, e última, versa sobre as considerações finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1– A LEITURA NO DIA A DIA

A memorização mecânica da descrição do objeto não se constitui em conhecimento do objeto. Por isso é que a leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto é feita no sentido de memorizá-la, nem é real leitura, nem dela portanto resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala.

(FREIRE, 1988. p. 17)

O mundo globalizado tem deixado pouco espaço para o deleite proporcionado pela leitura de um livro, sobretudo para as pessoas que têm um contato direto com ele, tendo em vista que, diante das exigências desse mundo, a praticidade e a rapidez são elementos privilegiados.

No entanto, a importância de trabalhar a leitura em sala de aula é algo inquestionável. Gilles Thérien (*apud* JOUVE, 2002. p. 17) enxerga na leitura um processo com cinco dimensões.

A primeira delas é denominada de “processo neurofisiológico”, entendendo que o ato de ler ocorre por meio do aparelho visual e das diferentes e particulares funções do cérebro. “Ler é, anteriormente a qualquer análise do conteúdo, uma operação de percepção, de identificação e de memorização dos signos.” (*apud* JOUVE, 2002. p. 17).

O “processo cognitivo” é, de acordo com o autor, a segunda dimensão da leitura, a qual procura, através da decifração do texto, entender o seu conteúdo e, dependendo do que está sendo lido, a leitura fluirá, ou não, com mais rapidez.

A atenção dada a determinada leitura é, em muitas vezes, fruto das emoções que ela suscita, característica da terceira dimensão elencada pelo autor, a do “processo afetivo”. A quarta denominação é a do “processo argumentativo”, no qual o leitor percebe a intenção do

texto em agir sobre o outro, em mudar o seu comportamento. Dessa forma, o leitor fica livre para assumir ou não para si próprio a argumentação desenvolvida.

Por fim, a quinta e última dimensão é a do “processo simbólico”, através do qual a leitura dialoga com a cultura e os esquemas dominantes de uma época, agindo no imaginário coletivo.

Todas essas dimensões elaboradas por Gilles Thérien reiteram a idéia de que a leitura, se comparada à comunicação oral, possui a grande particularidade de ter uma relação assimétrica entre autor/leitor, pois ambos não possuem o mesmo espaço de referência.

Decorrente desse fato, enquanto a comunicação oral evita mal-entendidos devido a remissões diretas constantes na fala, a leitura exige que o leitor, que só tem a possibilidade de fundamentar-se na estrutura do texto que se apresenta fechado sobre si mesmo, reconstrua um contexto para auxiliá-lo na interpretação da obra.

Criado o contexto necessário à interpretação da obra, o leitor depara-se com uma outra peculiaridade da leitura: a possibilidade de múltiplas interpretações, posto que cada leitor traz consigo a sua experiência, sua cultura e os valores da época.

Nesse sentido, é importante frisar que, mesmo que determinado texto seja passível de múltiplas leituras, ele não autoriza toda e qualquer leitura. E, para que a leitura de um livro não se configure como uma super-interpretação, Vincent Jouve (2002. p. 26) aponta três grandes regras de validação da leitura de uma obra: “a grade de interpretação deve ser generalizável ao conjunto da obra”; uma leitura não pode fazer oposição a certos dados objetivos que se tem sobre o texto; as coordenadas do autor devem ser, o mais precisamente possível, identificadas.

Ainda observando as singularidades do texto escrito e da comunicação oral, o autor (2002. p. 24-25) afirma que

Enquanto no discurso oral a palavra morre logo ao ser pronunciada, o texto, ao contrário, resiste ao tempo e faz que, ainda hoje, se possa escutar Homero ou Platão. (...) substituindo a audiência necessariamente limitada de uma comunicação oral por um número de leitores virtualmente infinito, o texto adquire uma dimensão universal. (JOUVE, 2002. p. 24-25)

O complexo ato de ler permite que o leitor se desprenda das imposições da vida real e renove a sua percepção de mundo.

Ler, pois, é uma viagem, uma entrada insólita em outra dimensão que, na maioria das vezes, enriquece a experiência: o leitor que, num primeiro tempo, deixa a realidade para o universo fictício, num segundo tempo volta ao real, nutrido da ficção. (JOUVE, 2002. p. 109).

Além disso, ler também é apossar-se de um pensamento que não é o nosso, fator que perturba tanto quanto fascina, fazendo com que o leitor retire do texto não só o seu sentido, mas sim abstraia o seu jogo de intenções, tendo em vista que o sentido não está pronto e acabado no texto, como bem esclarece a Estética da Recepção. Pois, assim como diz Paulo Freire, “o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo.” (FREIRE, 1988. p. 11)

Mesmo sabendo a importância de uma adequada abordagem da concepção de leitura em sala de aula, a nossa realidade escolar denuncia um cenário que está longe de atender os anseios de uma conveniente abordagem de leitura. Inicialmente, percebemos que o contato com o livro tem se tornado cada vez mais escasso, seja pela não utilização do livro para leitura, seja pela prática de cópias de livros.

Como afirma Ribeiro (*apud* TURCHI e SILVA, 2006. p. 93), o leitor de hoje é aquele que não lê um livro na sua totalidade¹, resquício das exigências do mundo globalizado, ao qual nos referimos anteriormente.

¹ É importante ressaltar que a literatura não está somente no livro, este é apenas uma das muitas formas de manifestação literária.

Ainda diante dessa realidade de não leitores, os professores, em sua maioria, não têm feito um bom trabalho com a leitura em sala de aula. No início do ano letivo, as escolas exigem dos pais a compra de um certo número de obras literárias com a justificativa de que auxiliará o aluno na aquisição de uma melhor nota na disciplina de língua portuguesa².

Diante da gama de conteúdos que são exigidos pelo currículo escolar, os professores, a fim de dar conta da totalidade de conteúdos, cobram apenas a leitura dos livros indicados no ato da matrícula com a finalidade de aplicar um questionário de “interpretação” dos livros.

Para Paulo Freire,

A insistência na quantidade de leituras sem o devido adentramento nos textos a serem compreendidos, e não mecanicamente memorizados, revela uma visão mágica da palavra. Visão que urge ser superada. (FREIRE, 1988. p. 17-18),

Enfim, vemos claramente que é preciso que alguns professores redefinam a sua própria concepção de leitura (decodificação ou interpretação) para que não inculca no aluno uma aversão ao ato de ler.

2.2 - ESTUDOS SOBRE A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

O professor bem formado é aquele que se sente suficientemente seguro para buscar as fontes de conhecimento em razão dos problemas encontrados em sua prática, ou seja, em decorrência das necessidades diagnosticadas com seus alunos. (ANDRADE, 2004. p. 11-12)

A escola e a leitura, a partir do século XVIII, com a ascensão da burguesia, começaram a receber uma grande atenção dos estudiosos e da sociedade em geral, tendo em

² É importante ressaltar que esta não é a realidade das escolas com as quais realizamos a oficina, até mesmo por contemplarem apenas o Ensino Fundamental I .

vista que ofereciam a oportunidade do saber. Para Fabiane Veradi Burlamaque (*apud* TURCHI e SILVA, 2006. p. 79), decorrente disso, aparecem os primeiros manuais de leitura que tinham a finalidade de instrução.

As teorias educacionais, referentes à atuação docente, nem sempre tiveram uma boa receptividade. Com o objetivo de apresentar a impossibilidade de recepção destas teorias, no início da década de 90 do século passado foram publicados dois livros, da autoria de professores da rede privada de ensino, nos quais estavam expostos os relatos dos sucessos ou das dificuldades nem sempre superadas no contexto da prática docente.

Hoje, depois de duas décadas de diálogo, as idéias sobre a formação de professores já são questionadas e já é possível encontrar mudança de posicionamento diante da inicial constatação da resistência em receber as teorias educacionais, “os pesquisadores parecem ter maior consciência das necessidades pedagógicas de seu interlocutor” (ANDRADE, 2004. p. 77).

Anne Marie Chartier (*apud* ANDRADE, 2004. p. 82) afirma que os modelos de formação de professores seguem duas tendências que refletem a forma de absorção destas teorias, são elas: as teorias que devem servir diretamente ao professor e as teorias que ambicionam dar conta dos saberes da ação dos professores.

A primeira tendência expressa pelo autor é a menos utilizada porque assume apenas uma postura de verificação da prática docente, enquanto que a segunda é a mais utilizada, tendo em vista que almeja um professor-pesquisador;

Neste caso, deixa-se a crítica de lado e as aprendizagens que se dão na prática docente são consideradas como um saber legítimo. O docente é estimulado a produzir discursos sobre essa prática, de modo que ‘sua voz’ passe a ter alguma escuta, em algum espaço de interlocução. (ANDRADE, 2004. p. 83)

Ampliando a concepção de Anne Marie Chartier, M. Tardif (*apud* ANDRADE, 2004. p. 83) discriminou quatro tipos de saberes docentes: saberes da formação, saberes das disciplinas, saberes dos currículos e, por fim, saberes da experiência. Para ele, os três primeiros saberes são regulados por funcionamentos institucionais, portanto, produzidos fora do contexto escolar em que atua. Em contrapartida, o quarto saber evidencia a valorização da experiência e a pluralização dos saberes da ação docente.

No entanto, é preciso cautela diante da valorização da experiência para que não a tenhamos como a única fonte de saberes, uma vez que, na prática docente, há uma interlocução entre sujeitos que permite a troca e o aprimoramento de saberes.

A partir da relação específica que os sujeitos têm com essas instâncias (escolar e social), neste processo de socialização do sujeito professor, a identidade profissional docente se constrói. Os múltiplos discursos enunciados nas instituições são, dessa forma, reorganizados e ressitoados pelo professor, uns em relação aos outros, permitindo-lhe refletir sobre sua prática e enunciar um discurso sobre ela. (ANDRADE, 2004. p. 86)

Estudos recentes mostram que, na atualidade, há uma boa receptividade, por parte dos professores, das teorias e práticas de formação³. Entretanto, é fato que alguns professores não têm acesso a uma boa formação até mesmo nos cursos de graduação.

É pedido que os professores trabalhem, na perspectiva da interpretação, a leitura em sala de aula, no entanto, alguns futuros professores não têm acesso à literatura nos cursos de formação, por isso a dificuldade de incentivar a leitura.

A implementação dos currículos organizados para os cursos de formação não podem prescindir do planejamento de situações que favoreçam a formação de professores leitores e não de simples reprodutores/as de idéias e conteúdos, que, ao invés de aproximar os indivíduos da leitura, dela os distanciam, interditando a possibilidade de acesso a diferentes e novos caminhos. (SOUSA e SILVA, *apud* SANTOS, 2004. p. 168)

³ A esse respeito, é interessante a leitura, na íntegra de ANDRADE, Ludmila Thomé de. *Professores-leitores e sua formação*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2004.

Como fruto dessa formação precária, os professores de Língua Portuguesa preocupam-se em ensinar a língua materna instrumental, sem mostrar as outras dimensões da leitura e da escrita. Dessa forma, têm-se a escolarização da leitura, ou seja, os textos literários são tidos apenas como um pretexto para o ensino de gramática, roubando assim a beleza e o encantamento textual, afastando os alunos do prazeroso ato de ler⁴.

É importante ressaltar que a escolarização da leitura é inevitável, posto que a escola é um espaço de socialização do saber, no entanto, da forma que é trabalhada em sala de aula (utilizando o texto como pretexto para o ensino de gramática), a escolarização da leitura recebe uma conotação negativa.

Com o objetivo de sanar, ou pelo menos amenizar a deficiência dos cursos de formação, apresentados na graduação, algumas alternativas são criadas, como por exemplo a leitura compartilhada, inserida nas propostas do Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA), desenvolvido e implementado pelo Ministério da Educação desde 2001, como apresentam Glória Maria Anselmo Souza e Leda Marina Santos Silva (2004).

A leitura compartilhada materializa-se em encontros semanais, através de uma coletânea de textos, dos quais um deles é escolhido para ser compartilhado com os colegas professores, descompromissadamente.

Além dessa alternativa criada pelo Ministério da Educação, também é possível despertar o interesse pela leitura através da implementação de programas de bibliotecas públicas, da diminuição do preço de livros literários, da criação de círculos de leitura, em

⁴ Sobre a importância de uma adequada abordagem do texto literário, recomenda-se a leitura de ALVES, José Hélder Pinheiro. *Abordagem do poema: roteiro de um desencontro*. In: DIONISIO, Angela Paiva e BEZERRA, Maria Auxiladora (orgs.). *O livro didático do português: múltiplos olhares*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 62-74.

suma, mobilizando a sociedade para incentivar a leitura, elemento de interação entre os sujeitos.

Estreitando um pouco mais as formas de incentivar a leitura, temos a função, propriamente dita, do professor nessa tarefa. Inicialmente é preciso que o professor tenha um significativo conhecimento de literatura, que ele tenha contato com um significativo número de textos com qualidade estética e, sobretudo, partilhe a sua própria felicidade de ler, sua vivência de leitura.

Em seguida, dá-se início a um momento delicado e imprescindível neste processo de aproximação com a leitura: a apresentação da literatura aos alunos. Para que esse processo obtenha êxito, faz-se necessário que o professor selecione criteriosamente o material e que os alunos não entendam que a disponibilização e a utilização do mesmo sejam uma obrigação. Para Fabiane Veradi Burlamaque (*apud* TURCHI e SILVA, 2006. p. 80),

A seleção de material, que deverá servir para informação e recreação, não ser imposto como obrigação, uma vez que a passagem pela escola, muitas vezes, é a única oportunidade que o aluno tem de entrar em contato com a leitura. (BURLAMAQUE, *apud* TURCHI e SILVA, 2006. p. 80),

Tendo em vista que, muitas vezes, o trabalho escolar é difícil e pouco atrativo, a criança pode criar definitivamente uma aversão à leitura e abandoná-la completamente quando deixar a escola, portanto, é necessário que o livro já faça parte da vida da criança ainda antes da escola.

Apresentada a literatura ao aluno, outra função do professor, e não menos importante que a primeira, é a mediação dessa leitura. Em hipótese alguma o professor deve querer impor a sua leitura à do aluno, pois a postura do professor, durante a mediação, será responsável por motivar ou não o aluno à leitura.

E, se ao professor cabe a mediação da leitura do aluno, sem imposição da sua própria leitura, ele deve, também, criar oportunidades que permitam que o aluno crie a sua própria interpretação, fugindo da concepção de leitura em voga em algumas escolas, nas quais

a modalidade de leitura empregada (...), muitas vezes, é fruto de uma ação pedagógica que tenciona legitimar a leitura escolar. Assim, a leitura se concretiza sob o controle do professor, negando ao aluno uma participação efetiva no processo. (BURLAMAQUE, *apud* TURCHI e SILVA, 2006. p. 84).

A elaboração de materiais pedagógicos que auxiliem a interpretação dos alunos é difícil e exige um bom nível de letramento e uma metodologia adequada. A falta de interesse em elaborar um material de apoio ao trabalho com textos literário, bem como tantos outros problemas encontrados no trabalho docente, é, também, uma das lacunas da formação do professor, por isso a importância de uma boa formação nos cursos de magistério, formação essa que “tem a função de aparelhar os professores para que, sozinhos, construam o seu processo de formação, e não tem o objetivo de proteger o professor” (ANDRADE, 2004. p. 160).

2.3 – A LITERATURA DE CORDEL

A literatura popular retratada nos versos e rimas do Cordel sempre teve uma relação íntima com o ambiente da feira, um espaço importante para a disseminação da poesia regional cantada, recitada ou escrita. Os poetas populares disputavam a clientela com os vendedores, enquanto compravam alimentos para o sustento do corpo, os poetas levavam o sustento da alma com versos que faziam a diversão das pessoas. Os textos simples, de uma realidade regional, inebriavam as mentes daqueles que apreciavam as histórias poéticas daqueles

folhetos. O baixo custo, o nível de divulgação, a linguagem coloquial e o vocabulário acessível contribuíram para a disseminação do folheto.

O Cordel é uma narração de assuntos e temas populares feita de poesia rimada impressa em folheto, tal palavra teve sua origem em Portugal, onde os folhetos eram pendurados em barbantes ou cordões. No século XIX a Literatura de Cordel floresceu de maneira magistral no Nordeste brasileiro, visto que encontrou uma forte vitalidade entre as camadas populares e uma receptividade tanto de leitor-ouvinte como de poetas (GALVÃO. 2001. LOPES. 1994). O surgimento da tipografia nesse período fez com que a poesia oralizada se tornasse poesia impressa, facilitando assim a propagação poética regional caracterizada pela criatividade dos saberes sócio-histórico-cultural.

Atualmente a relação entre cordel e feira está abalada, pois as barracas de feira deram espaço aos sebos, bancas de revistas, livrarias, restaurantes regionais e sites. A declamação pública perdeu espaço para a leitura silenciosa e análises críticas de estudantes e pesquisadores, assim como o manejo do folheto está cada dia sendo “disputado” com os cordéis virtuais. O Cordel como uma arte de resistência teve que se adaptar a esta nova realidade imposta pelo processo de globalização, sem perder sua relevância e funcionalidade, uma vez que durante muito tempo os folhetos de cordel tiveram uma significativa participação na prática educativa, pois funcionaram como um único meio de alfabetização.

O Cordel tem um potencial educativo significativo de ser introduzido no mundo de educar, pois de maneira prazerosa possibilita a construção de identidade cultural a partir das visões de mundo peculiares à contextura regional, desenvolve a cognição ao compasso que estimula a leitura e escrita, aguça o imaginário, a memória narrativa, a oralidade. Dessa forma, o ensino interdisciplinar com o suporte do cordel é relevante e essencial para os educadores comprometidos com uma aprendizagem significativa, contextualizada e lúdica,

haja vista que a musicalidade inerente a essa literatura possibilita um maior envolvimento do leitor/ouvinte capaz de aprender conteúdos sem a percepção de aula.

A sala de aula, como um âmbito educacional de formação de sujeitos sociais subjetivos, tem o dever de proporcionar uma diversidade de conhecimentos juntamente com os saberes intrínsecos de cada educando, e o educador, como facilitador desse conhecimento, é o responsável pela busca da diversidade de informações a serem ensinadas aos alunos (as). Uma aprendizagem contextualizada e interdisciplinar faz-se necessária para a efetivação do conhecimento de maneira significativa, um desafio de um novo fazer pedagógico.

3 – METODOLOGIA

3.1 O TIPO DE PESQUISA

Segundo Gil (2008, p. 25), a pesquisa descritiva visa “descrever as características de determinadas populações ou fenômenos. Uma de suas peculiaridades está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática”. Nesse sentido, O tipo de pesquisa que direcionou nosso trabalho foi de caráter descritivo, na qual as informações coletadas nos apresentaram elementos significativos para atingir os objetivos propostos.

3.2 O CAMPO DE PESQUISA

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Virgínius da Gama e Melo – Campina Grande – PB, com alunos da 2ª série do Ensino Médio noturno.

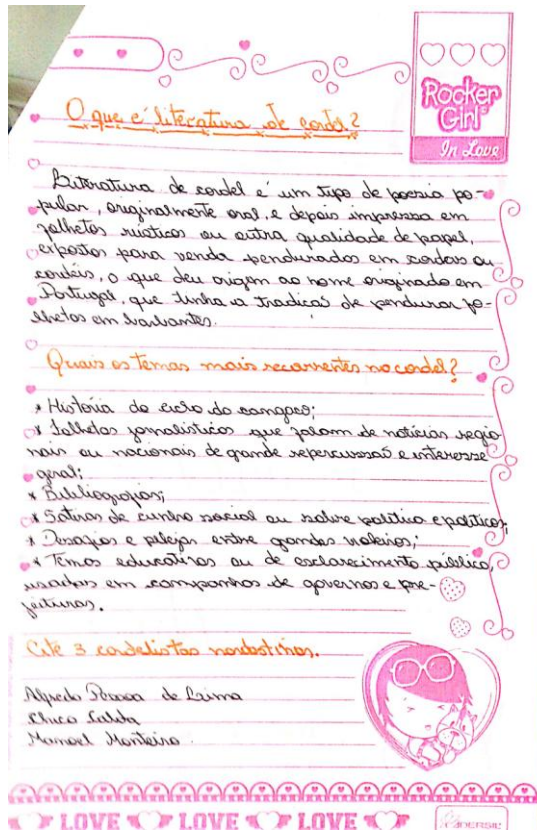
3.3 OS DADOS DA PESQUISA

Os dados que serviram de corpus para esta pesquisa foram extraídos de um projeto que ocorreu durante dois meses na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Virgínius da Gama e Melo – Campina Grande – PB, com os 20 alunos da 2ª série do Ensino Médio noturno.

4 – ANÁLISE DOS DADOS

A escola na qual este projeto foi desenvolvido é estadual e se localiza na periferia de Campina Grande, Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Virgínius da Gama e Melo, e o público-alvo formado por alunos da 2ª série do Ensino Médio do turno da noite.

Partindo do trabalho sobre Regionalismo, desenvolvido na disciplina de História, os alunos foram conduzidos a realizarem uma pesquisa sobre a origem, as características e os principais cordelistas brasileiros. De posse dessas pesquisas, em sala de aula fizemos um debate sobre os resultados que os alunos trouxeram, enfocando as principais características da Literatura de Cordel e de grandes cordelistas, como por exemplo Manoel Monteiro, Salette Maria da Silva, Leandro Gomes de Barros e João Melchíades Ferreira



A próxima etapa do projeto foi colocar os alunos em contato com a Literatura; disponibilizamos uma quantidade de cordéis suficiente para todos os alunos e, após a leitura individual proporcionamos um momento de socialização, no qual os discentes apresentaram os aspectos mais relevantes que acharam na literatura lida.



Para a nossa surpresa, encontramos alunos que desconheciam o fato de termos paraibanos, e até mesmo campinenses, que produzem literatura de cordel. Alguns alunos despertaram para a “simplicidade” presente na escrita do Cordel e se identificaram bastante com as temáticas trabalhadas e a linguagem tão peculiar.

Feita a leitura e a posterior socialização do que foi lido, solicitamos aos alunos que fizessem duplas com a finalidade de responderem a um questionário sobre a origem, as características e os principais escritores do Cordel.

Após a etapa de reconhecimento estrutural de um Cordel, e levando em consideração a atual situação do país, em especial da Região Nordeste, na disciplina de Geografia, os alunos estudaram a temática “Água” e produziram, após cerca de dez dias de discussão sobre o assunto, individualmente, um texto no qual foram expostos argumentos sobre a importância da água, enfatizando o que podemos fazer para preservar esse recurso.

E.E.E.F.M. VIRGÍNIO DA GAMA E MELO
 Disciplina: Geografia Aluno(a): Carla Maney nº 4 Série: 2^o C Data: 18/09/2013
 Professor: Ivandro

Escreva um texto, de, no mínimo, 10 linhas, em que você, baseado nas nossas discussões em sala de aula, discorra sobre a importância da água para os seres vivos, enfatizando o que podemos fazer para preservar esse recurso.

Água é muito importante para os seres vivos, pois é com a água que o ser humano faz a metade de suas atividades. O ser humano usa água para beber, para lavar a mão, tomar banho, escovar os dentes e muitas outras.

Muitas pessoas têm desperdiçado água pois pensam que ela nunca acabará, mas ao contrário do que elas pensam, se não for usada corretamente a água pode faltar.

Para economizar água, temos que consertar vazamentos, para evitar desperdício, juntar água para lavar calçadas, automóveis e outros.

Se cada um fizer sua parte teremos um mundo melhor e com muita água para todos.

Vamos nos conscientizar e preservar tudo o que a natureza oferece.

E.E.E.F.M. VIRGÍNIO DA GAMA E MELO
 Disciplina: Geografia Aluno(a): Paulo Henrique S. Santos Série: 2^o C Data: 18/09/13
 Professor: Ivandro

Escreva um texto, de, no mínimo, 10 linhas, em que você, baseado nas nossas discussões em sala de aula, discorra sobre a importância da água para os seres vivos, enfatizando o que podemos fazer para preservar esse recurso.

Água em nossa terra é de grande importância, pois com a mesma podemos "matar" mais vida, tomar banho, lavar as mãos, lavar as roupas, etc. O mais importante é para o consumo das plantas que realizam a fotossíntese e purificam o ar, deixando-o com um clima mais fresco.

Uma das grandes feras do mundo é a seca, porém isso não acontece mais no mundo. Porém, mesmo assim, o clima de seca causa o aumento de fogo em outras partes do mundo como na África e no Brasil, está esquentando por causa do aquecimento global.

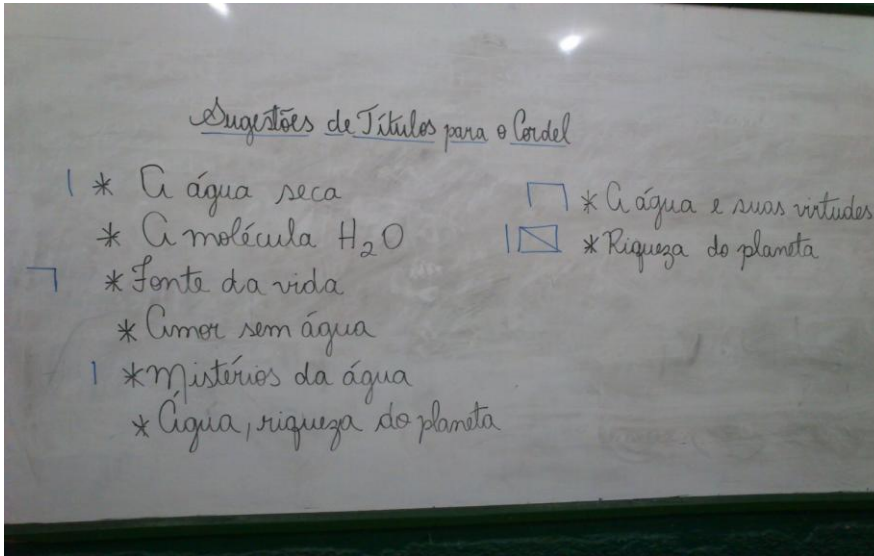
Entretanto, se não nos cuidarmos tanto com a conservação da água quanto na poluição química, o mundo se tornará um lugar muito ruim.

O momento de socializar os textos produzidos foi marcado por relatos pessoais das dificuldades pelas quais cada um estava passando com a escassez de água, tornando o debate bastante significativo.

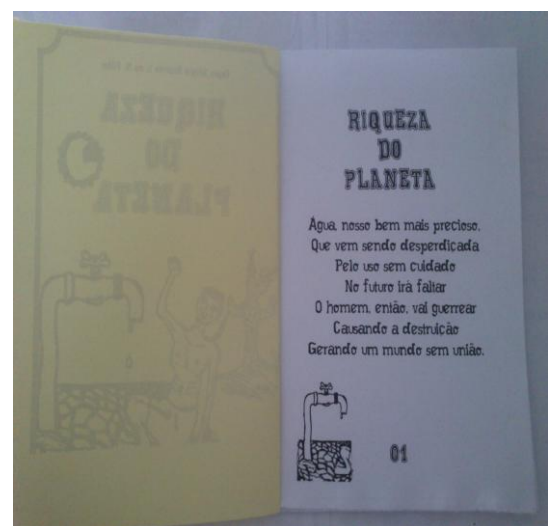
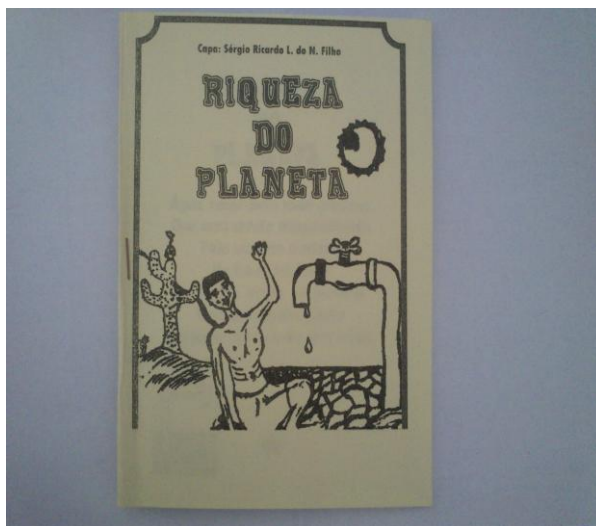
Dando prosseguimento ao projeto, em aulas posteriores os alunos foram divididos em duplas e cada uma produziu duas estrofes de Cordel, bem como sugeriram um título pra ele. Enquanto isso, um dos alunos, que possui habilidade de desenhar, ilustrava a capa do Cordel.

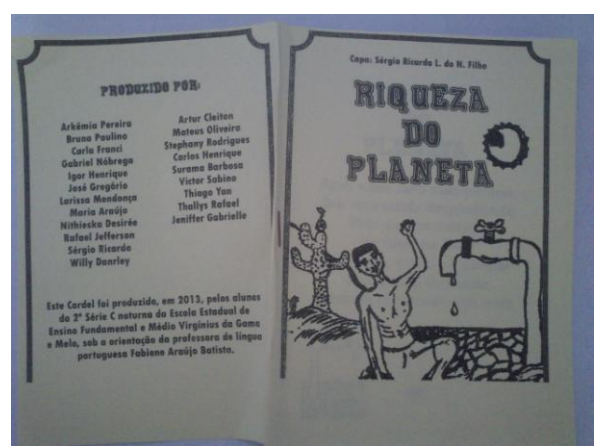
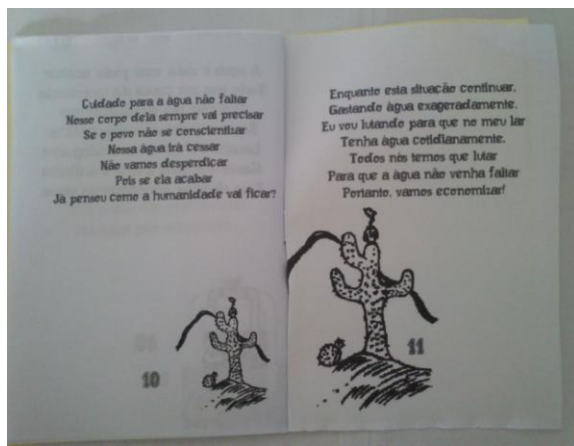
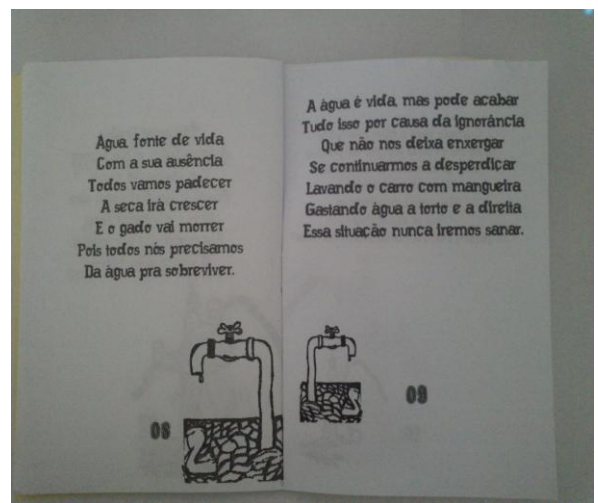
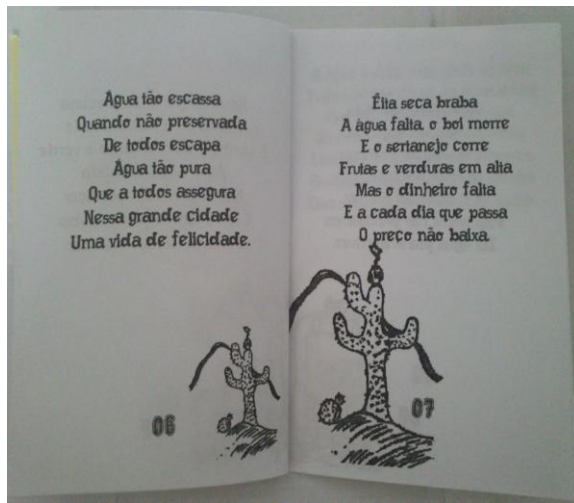
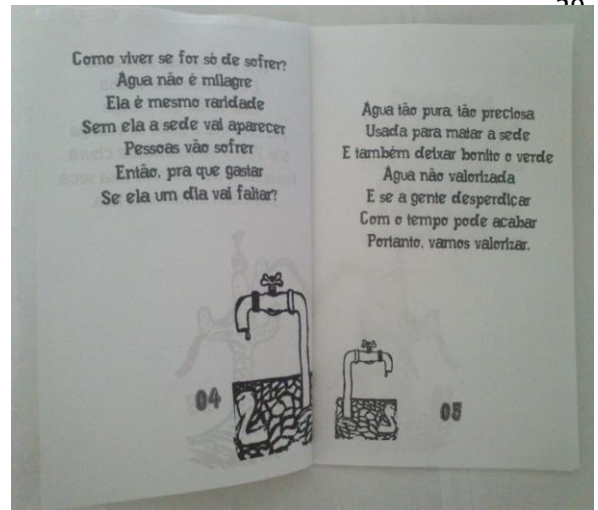
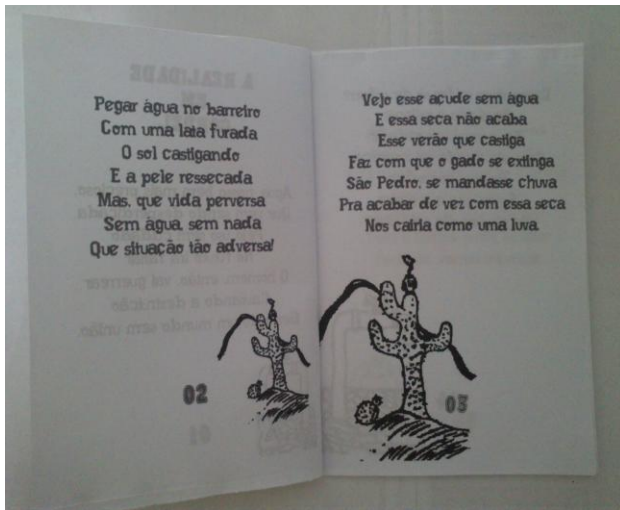


Aconteceu, posteriormente, de maneira bastante interativa, a socialização das estrofes produzidas pelos alunos, de modo a atribuir uma ordem lógica às produções, bem como foi escolhido o título para o Cordel, “Riqueza do Planeta”.



Por fim, o cordel, depois de produzido e editado, foi entregue a todos os alunos, o vice-diretor da escola recebeu cinco exemplares do folheto para que fossem disponibilizados na biblioteca, e os discentes apresentaram as suas produções nas demais salas de aula da escola.





No momento da entrega dos cordéis, devidamente formatados, aos alunos, os mesmos

solici-
cita-
ra



m o recebimento de mais alguns folhetos para que distribuíssem com os familiares, pois a produção do Cordel havia sido motivo de orgulho para eles. Em conjunto com a escola, posteriormente os alunos receberam, cada um, mais três exemplares do Cordel produzido.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando como base a motivação expressa pelos alunos durante os meses em que o projeto foi desenvolvido, é possível afirmar que, mesmo havendo inicialmente uma resistência à leitura, bem como à Literatura de Cordel, houve um envolvimento significativo deles nas aulas, realidade que se deve, também, ao fato de que o Cordel tem um potencial educativo significativo de ser introduzido no mundo de educar, pois de maneira prazerosa possibilita a construção de identidade cultural a partir das visões de mundo peculiares à contextura regional, desenvolve a cognição ao passo em que estimula a leitura e escrita, aguça o imaginário, a memória narrativa e a oralidade.

A inserção da literatura no Ensino Médio ocorreu mesmo antes da existência formal da escola, tendo em vista que já as tragédias gregas tinham como objetivo central educar moral e socialmente o povo. Nesse sentido, algumas escolas atuais ainda mantêm os resquícios dos pressupostos gregos, ou seja, a função da literatura tanto é ensinar a escrever quanto formar culturalmente o indivíduo. Contudo, é importante ressaltar que a escolarização da leitura é inevitável, posto que a escola é um espaço de socialização do saber, no entanto, da forma que é trabalhada em sala de aula (utilizando o texto como pretexto para o ensino de gramática), a escolarização da leitura recebe uma conotação negativa.

Fugindo desta perspectiva de ensino, neste projeto tivemos o cuidado de colocar o aluno em contato com a leitura da obra inteira, pois, na escola, “ocorre a fragmentação de trechos de obras ou poemas isolados, considerados exemplares de determinados estilos, prática que se revela um dos mais graves problemas ainda hoje decorrentes.” (PCN do Ensino Médio. p. 63).

Dessa forma, o ensino interdisciplinar (língua portuguesa, história e geografia) com o suporte do Cordel foi relevante e essencial para os alunos, favorecendo uma aprendizagem

contextualizada e lúdica, haja vista que a musicalidade inerente a essa literatura possibilitou um maior envolvimento do leitor/ouvinte capaz de aprender conteúdos sem a percepção de aula.

Desenvolver o prazer pela leitura, escrita, oralidade, memória narrativa e pela identidade regional são algumas das contribuições do uso dessa literatura na sala de aula, e o trabalho com Literatura de Cordel contribuiu para a compreensão de que literatura não é, necessariamente, algo difícil e de impossível produção, além de ter auxiliado no debate e conscientização da importância da preservação da Água, recurso, embora escasso, vital.

5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Ludmila Thomé de. *Professores-leitores e sua formação*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2004.

BORDINI, Maria da Glória e AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura e formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado das Letras, 1988.

BRASIL – SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*. Vol. 1. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Julho de 2006. p. 17-46.

BURLAMAQUE, Fabiane Veradi. Os primeiros passos na constituição de leitores autônomos: a formação do professor. In. TURCHI, Maria Zaira & SILVA, Vera Maria Tietzmann (orgs.) *Leitor formado, leitor em formação: a leitura literária em questão*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2006. p. 79-91.

CAMPOS, Maria Inês Batista. *Ensinar o prazer de ler*. São Paulo: Olho d'água, 1999.

ESPÍNDOLA, Luciene. PCNs do Ensino Médio: gramática e ensino. In. SOUZA, M^a E. V. e VILAR, S. F. *Parâmetros curriculares em questão: ensino médio*. João Pessoa: Editora Universitária, 2004. p. 91-110.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: _____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1988. p. 11-21. Coleção polêmicas do nosso tempo.

GALVÃO, A. M. *O cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte. Autêntica. 2001.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JOUBE, Vincent. *A leitura*. Trad. Brigitte Hervor). São Paulo: UNESP, 2002. p. 17-33, 107-144).

RIBEIRO, Maria Augusta Hermengarda Wurthmann. Projetos de leitura: caminhos possíveis do ensinar e do aprender. In: TURCHI, Maria Zaira e SILVA, Vera Maria Tietzmann (orgs.). *Leitor formado, leitor em formação: a leitura literária em questão*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2006. p. 92-106.

SOUZA, Glória Maria Anselmo de e SILVA, Leda Marina Santos da. Leitura compartilhada: um momento de prazer na formação de professores-leitores. In: SANTOS, Maria Aparecida Paiva Soares dos *et al.* (org.). *Democratizando a leitura: pesquisas e práticas*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2004. p. 167-176.